

FESTAS E FESTEJOS PARA ALÉM DA MISTURA: ENCONTROS, DESENCONTROS, SOCIABILIDADE, SOLIDARIEDADE E RESISTÊNCIA.

LILIANE DE JESUS OLIVEIRA LIMA¹

Nas primeiras décadas do século XX Santo Antônio de Jesus, em consonância com o que estava ocorrendo em Salvador capital do Estado, também idealizou um projeto de transformação pensado e articulado pelos órgãos governamentais que, a partir de um olhar “civilizador”, inicia a busca pela organização da sociedade, intervindo até mesmo no cotidiano da população. O “projeto civilizador”, que apresentou transformações físicas e estruturais na cidade, não demorou a se preocupar também com o aspecto da vida privada. Havia uma clara intenção de controlar o modo de vida das pessoas, principalmente das classes mais pobres, procurando sempre modificar seus hábitos e costumes.

As tentativas de modernização como sabemos não se limitaram apenas a pensar nas reformas físicas dos espaços urbanos, para os “guardiões da moral e dos bons costumes”, também se fazia necessário civilizar as antigas práticas de lazer, uma vez que as ações dos cidadãos civilizados deveriam estar em concordância com as transformações do espaço urbano.

Assim, incorporar novas formas de lazer constituiu um dos aspectos das transformações em curso. Todavia, apesar da introdução desses novos espaços de lazer, muitas festas tradicionais e formas diversas de se divertir foram mantidas e amplamente apreciadas por boa parte dos santoantonienses. É notório que os espaços de sociabilidades podem refletir mudanças, mas as tradições podem ser mantidas, mesmo que reconfiguradas. Dessa forma, “[...] as festas tornaram-se parte de um verdadeiro ritual de confronto entre o antigo e o novo” (THOMPSON, 1990: 14).

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local/UNEB-CAMPUS V. Graduada em Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia-Campus V. Orientador: Raphael Rodrigues Vieira Filho. Bolsista CAPES. liulimab@hotmail.com.

Observamos na análise dos documentos desta pesquisa que os momentos de lazer proporcionavam não somente divertimento, mas fortes vínculos entre os negros, como também, de certo modo, criavam as condições necessárias para a convivência com a outra parte da população. Não obstante, o desejo de liberdade de expressão sem repressão ou confronto também era almejado pelos negros em todos os momentos; a tradição do batuque, da cachaça, da roda de samba e das cantorias perpetuava a memória da resistência. Nesses momentos, os laços de amizade se fortificavam e os espaços de convivência se ampliavam.

Assim, nos locais e momentos de diversão, os laços fraternos que já existiam podiam ser ampliados até mesmo para fora do grupo, possibilitando uma nova dinâmica no conviver.

Os relatos dos depoentes e os processos crimes analisados para a construção desta pesquisa evidenciam que, nos momentos de lazer, nas festas e festejos a coesão entre os frequentadores se baseava no auxílio mútuo, nas trocas afetivas e na experiência comum das dificuldades cotidianas. De acordo com Miranda:

Uma das principais características da festa é a sociabilidade. É no espaço das comemorações que as relações sociais se entrelaçam e se aguçam. [...] Nesse espaço também se encontra o sentido da religiosidade e da solidariedade e ainda as demarcações específicas e diferença entre os indivíduos e os grupos. (MIRANDA, 2009: 302)

Os momentos de lazer tinham um importante significado para os membros das camadas populares de Santo Antônio de Jesus. Para além da mistura que se dava nesses espaços, entre os diferentes sujeitos, o encontro também se processava nas relações pessoais estabelecidas; esses momentos desempenhavam papel essencial na sociedade daquela época. Estabelecer laços de sociabilidade era condição fundamental para inserção na ordem social. A vida dos representantes das classes marginalizadas se entrelaçava em relações cotidianas de solidariedade.

Como sabemos o lazer é o espaço da liberdade, no qual as pessoas podem demonstrar seus sentimentos, desenvolver sociabilidades e solidariedade, expressar suas emoções, brincar, manifestando seus costumes coletivamente em um mesmo espaço, características que identificamos nos depoimentos, a exemplo da declaração de dona Maria, na qual a mesma afirma que, nas festas da Marujada, nos batuques e no Candomblé, “[...] tinha pessoas de toda qualidade, pobres e ricos que participavam e patrocinavam a festa”. (Maria Gonçalves, conhecida como Maria de Xangô, 92 anos, moradora de Santo Antônio de Jesus - Bahia).

Podemos pensar que nesses momentos de alegria e descontração havia uma intensa relação cultural de permuta contínua que influenciava os diferentes níveis culturais, ou seja, uma circularidade cultural, conforme utilizado por Ginzburg analisando a obra de Bakhtin, para designar essas influências como “[...] o influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica [...]” (GINZBURG, 1987:15).

Dessa forma, o conceito de circularidade sugere que os elementos da cultura popular e da cultura hegemônica interagem entre si, ou seja, podemos encontrar entre as classes populares e hegemônicas, características que aparentemente não fariam parte culturalmente dos sujeitos analisados, o que “[...] permite problematizar a influência mútua entre as manifestações populares e hegemônicas, perceber a imprecisão de suas fronteiras, sugerindo, assim, um fluxo regular de interações entre elas” (FRESSATO, 2009: 19).

Fica evidenciada, então, a existência de trocas culturais entre os segmentos da sociedade santoantoniense que se influenciavam mutuamente; vale lembrar que estas trocas se davam em um contexto que as manifestações dos negros e pobres eram -“rejeitadas”-.

Da mesma forma, como a população negra e pobre estava presente nas festas públicas organizadas pelas elites, seja para lutar por um espaço no contexto da cidade, seja para subverter “[...] com sua simples presença as regras da civilidade do bom-tom” (CUNHA, 2001: 174), ou simplesmente por apreciar a festividade e se divertir, alguns membros da elite também se faziam presentes nas festas promovidas pela população negra por inúmeros motivos. Demonstrando assim, que mesmo com todas as imposições e restrições as manifestações culturais da população negra na cidade, muitas pessoas independente da classe social ou da cor da pele não deixaram de fazer parte destes momentos contagiantes e conflituosos, nos quais o riso era fácil e o divertimento garantido.

AS FESTAS RELIGIOSAS E SUAS MÚLTIPLAS MANIFESTAÇÕES

As atividades religiosas povoavam o calendário festivo de Santo Antônio de Jesus, e eram ansiosamente esperadas pelos moradores. Dona Venância, em seu depoimento, afirma a sua preferência pela festa de Reis,

Quando mocinha, nós morava na roça, eu gostava era da festa de Reis, papai levava a gente para a casa de um compadre dele que era aqui na cidade... e não me

alembro mais onde ele morava, e nós ficava lá a semana toda, tinha baile, quando os rapazes queria dançar com a gente jogava um lençinho no chão, ai se a gente pegasse estava liberado podia dançar (risos) e se deixasse o paninho lá caído eles voltavam pega o pano e se entufava.(Dona Venância Maria dos Santos, 95 anos, moradora de Santo Antônio de Jesus. Depoimento concedido no dia 01/10/2012.)

Segundo a depoente estes momentos eram de muita diversão, quando surgia a oportunidade de ficar fora de casa, da dança e do flerte. Entretanto, as festas religiosas mais apreciadas eram a de Santo Antônio, padroeiro da cidade, São Benedito e as festas de Cosme e Damião. Segundo Albuquerque, as festas religiosas, as comemorações populares e o Carnaval permitem a investigação de particularidades da sociedade baiana e concepções culturais, nem sempre conciliadoras sobre o sentido de ser e de estar na festa e na rua.

As festas públicas nos parece um bom ângulo para tentarmos perceber esta velha Bahia em tempos republicanos, já que enquanto duravam se tornavam palco de disputas sociais e políticas, assimilações e recriações culturais, todas girando em torno das formas de apropriação do espaço urbano(ALBUQUERQUE, 1996: 107).

Em Santo Antônio de Jesus, as festas religiosas também eram formas de apropriação do espaço público em momentos consagrados como de confraternização e alegria. A praça pública ou as ruas propiciavam o encontro de grande parte da população que queria se divertir e homenagear o santo do mês, a cidade se enfeitava para celebrar com barraquinhas e queima de fogos de artifício.

Segundo Amaral, as festas brasileiras serviam como mediação entre os diferentes indivíduos que aqui habitavam, tornando mais fácil a vivência em um lugar desconhecido, “[...] as festas religiosas foram importante mediação simbólica, constituindo uma linguagem em que diferentes sujeitos podiam se comunicar [...]” (AMARAL, 2001: 59).

Vale ressaltar que, no início da colonização brasileira, era obrigatória a participação nas festas religiosas, de todos aqueles que compunham a sociedade da época, inicialmente os portugueses e índios e posteriormente os escravos. Amaral afirma ainda, que já encontramos menções sobre a festa desde o mito da criação do mundo, “[...] guardar domingos e festas de guarda, pois, desde a criação, Deus ordena que haja luzeiros [...] que eles sirvam de sinais, tanto para as festas quanto para os dias e os anos” (AMARAL, 2001: 59), assim, as festas religiosas, aos poucos, foram se incorporando ao cotidiano dos brasileiros.

No entanto, é importante destacar que essas festas foram reconfiguradas culturalmente; recriadas, adaptadas e transformadas para novos fins e, assim, caracterizadas

também por uma forma de resistência e oposição as velhas e novas ordens. Trata-se, portanto, de múltiplas assimilações, dos costumes ancestrais trazidos a bordo dos navios negreiros e dos ritos católicos, adaptadas aos costumes aqui já existentes.

O calendário festivo santoantonienses se iniciava com a festa de São Benedito, que era realizada no mês de janeiro. Os habitantes da cidade e das regiões vizinhas esperavam e se preparavam para estas festas durante todo ano e migravam para a cidade de diversas maneiras, numa época em que as distâncias pareciam maiores e os transportes eram poucos, a distância não era empecilho para estar nas festas.

A festa de Santo Antônio, o padroeiro da cidade, também atraía muitas pessoas de todos os bairros. O trezenário iniciava no dia 31 de maio – com uma caminhada pelas principais ruas da cidade, todos cantando o hino em louvor ao santo homenageado, e encerrava com uma missa na manhã do dia 13 de junho. De acordo com os depoentes e os jornais pesquisados, nas festas religiosas, o espaço era compartilhado por toda a cidade, sem limites ou fronteiras visíveis.

A festa do padroeiro. Segunda feira 13 a cidade sentira a impressão viva que lhe há de transmitir a fulgurante homenagem do povo ao santo padroeiro que é o glorioso Antonio. A trezena começada na Matriz desta Freguezia desde a 1º noite é assistida de modo que a área interna da santa igreja vive literalmente cheia de fieis. O ardor da devoção domina tanto a alma do adulto como o animo da criança. (A Festa do Padroeiro. O Paládio. 11 de Jun. de 1949. AP.).

Contudo, Santos, em sua dissertação que discute o estudo do cotidiano de homens e mulheres que se deslocavam de áreas rurais para trabalhar como feirantes na feira livre de Santo Antônio de Jesus-Bahia, entre os anos de 1948 a 1971, nos diz que:

Espaços de intercâmbios e interações culturais, a procissão de Santo Antônio exprimia dimensões do mundo espiritual do qual alguns feirantes faziam parte e reafirmava a presença desses homens e mulheres praticando o espaço urbano também no tempo da festa. Longe de ser um espaço isento de hierarquias, o cortejo apresentava uma ordem que, na prática, também reproduzia hierarquias sociais. Essas diferenças eram marcadas pelo caráter multifacetado da procissão. Os fogos de artifício que embelezavam o cortejo e asseguravam uma estética particular à festa, conferiam um grau de importância também aos homens responsáveis por tal função naquele momento. Junto ao andor, homens da roça ou da cidade, ora disputavam, ora se revezavam na condução do Santo, excluindo as mulheres dessa função. Assim como as mulheres da roça, inclusive as feirantes, não eram escolhidas para fazerem parte da comissão da festa. Mas, mesmo diante dessa realidade, cada um marcava seu lugar na procissão. (SANTOS, 2007:128).

Nota-se, que, nas festas religiosas, o espaço era compartilhado por todos: pobres e ricos, pretos e brancos. Entretanto, em um ambiente de suposta liberdade, as diferenças

sociais estavam bem delimitadas, “À frente do cortejo, o pároco e demais eclesiásticos, dividiam espaço com a elite local que geralmente eram os escolhidos para fazerem parte da comissão da festa a cada ano” (SANTOS, 2007:128). Mesmo diante desta realidade, a população pobre não deixava de comparecer nesses festejos, cada um marcava seu lugar na luta pela conquista do seu espaço. Assim sendo, se em alguns momentos as festas religiosas simbolizavam a participação de todos, algumas ações, em contraposto, caracterizavam-se por reproduzir dependências, conflitos e diferenças sociais.

A festa de São João era mais uma das festas do calendário religioso que agitava o cotidiano dos santoantonienses, para Maria Rosa, a festa era boa tanto na cidade quanto na roça:

Para as pessoas da igreja todos os esforços eram para São João, todas as homenagens prestadas era para ele, até pular a fogueira. Às vezes quando eu era criança nós íamos para a festa de São João na roça. Era uma fartura, tinha milho, amendoim, galinha cozida, a gente não ficava só em uma casa visitava também a casa dos outros amigos. Depois de um tempo nos não íamos mais para roça, mas aqui na cidade tinha tudo isso também. Mais também tinha algumas pessoas que iam pra missa e depois ia atrás de dançar, beber e jogar. Ia mesmo era para fuzarca. (Maria Rosa Soares, 90 anos, moradora de Santo Antônio de Jesus).

No depoimento acima, percebemos que os festejos juninos eram comemorados tanto na zona rural, quanto na cidade e que os mesmos eram regados de muita comida e bebida. Ficam evidentes, também, os diferentes modos de agir, pensar e interagir dentro da festa, bem como a dimensão espiritual desses participantes. Assim, o depoimento de Maria Rosa é relevante também para refletirmos acerca da relação entre os espaços construídos nas festas, pois o espaço destinado à devoção também se tornava disponível ao lazer e às socializações.

Aceita e auxiliada pelo espírito religioso do povo, a festa ontem concluída em lóuvor do padroeiro Santo Antonio, teve todo esplendor. As trezenas, que a precederam, estiveram muito concorridas, atuando no coro da Matriz uma orquestra excelente. A festa começou quase às 11 horas [...] e a orquestra esteve magnífica. Fôra da Matriz o movimento de girandolas, balões, trancafiões e bombas foi retumbante e atraiu também o povo. A empresa de Luiz Eletrica serviu magistralmente, expondo a serviço da festa mais de mil lâmpadas. (A festa do padroeiro. O Paladio. 14 de Jun. 1945. AP.).

Verifica-se, portanto, que a realização dessas festas envolve o espaço religioso e o espaço que é construído ou adaptado dentro do seu contexto. Essa manifestação cultural/religiosa é considerada por Serra como festa de largo, já que envolve espaços de rituais sagrados e de folguedos populares.

Uma festa de largo compreende sempre um rito, ou um conjunto de ritos sacros, cujo foco espacial é um templo. [...] Mas as cerimônias sagradas centradas no templo não constituem a totalidade da festa desse tipo. Ela inclui ainda a realização de outros desempenhos, que têm lugar nas imediações do templo – [...] Esses outros desempenhos vêm a ser, principalmente, folguedos populares. [...] atividades que associam comércio com diversão pública. (SERRA, 1999: 56)

É válido ressaltar que estes espaços que envolvem o templo e o entorno estão sempre vinculados a um espaço social, onde os sujeitos ali presentes, em sua maioria não demarcavam fronteiras entre estes espaços, convencionalmente chamado de sagrado e profano, categorias que sugerem oposição e dualidade, sendo que estes espaços são, ao mesmo tempo, o local de comunicação da festividade religiosa, visto que, quando há oportunidade estes espaços interagem entre si, pois os participantes ali presentes viviam a festa em sua totalidade, com todos os elementos que a constituem.

Os festejos em homenagem a Cosme e Damião também apresentavam este misto constituinte das festas religiosas. A celebração em homenagem a esses santos ocorre no mês de setembro, e na festa, havia o costume de distribuir doces para as crianças, oferecer caruru e rezar ladainhas. De acordo com Santos:

A festa das Rezas de Cosme muitas vezes durava toda a noite e se estendia até a manhã do dia seguinte com sambas, batucadas, às vezes incorporações de santos e caboclos e outros signos e emblemas que fazem parte do universo das religiões brasileiras de matrizes africanas ou indígenas. Essa dinâmica reafirmava as diferentes convicções religiosas dos vários sujeitos que faziam aquela festa, ao passo que balizava fronteiras e ligava possíveis oposições entre o mundo profano e sagrado daqueles indivíduos. (Santos, 2007: 138)

Assim, as celebrações dedicadas a São Cosme e São Damião eram também exemplos de espaços onde os rituais sacros interagiam paralelamente com outras múltiplas manifestações, dessa forma, constituíam-se em mais um momento no qual os costumes cotidianos se reelaboravam e subvertiam determinadas ordens e fronteiras sociais.

As comemorações dedicadas aos santos “gêmeos” também atraíam muitos santoantonienses e não se restringiam apenas aos espaços urbanos da cidade. Muitas pessoas celebravam a data, o que é possível verificar nos periódicos que aqui circulavam com muitos anúncios convidando e divulgado a data em que realizariam a celebração, bem como os atrativos que ofereceriam na noite.

Rua Maria Nunes, n 8 – Srs. Diretores d’O Detetive, como nos anos anteriores, faço questão vossas presenças nas festas de Cosme e Damião, efetuarei dia 30, contando concurso gentis senhorinhas nos tradicionais e suaves hinos. Além das vozes excelentes e melodiosas dos jovens Manoel Jambeiro e Alvorino Vargas, que farão

ouvir depois da devoção com suas modinhas, assim também se manifestarão no gozado candomblé, nossos camaradas: Ernesto, Lindo, Astério, Jesuíno, Bernardo Joãozinho e muita gente... O caruru será um sucesso e a orgia tomará o seu predileto lugar. – Aguardo as vossas pessoas e ficarei satisfeito se ouvir um improviso d'um representante da imprensa. Gracindo. (Festa de Cosme e Damião. O Detetive. Santo Antônio de Jesus. 09 de Setembro de 1950. AP)

O anúncio acima nos traz várias informações sobre a festa, a exemplo do local onde seria realizado o caruru; na Rua Maria Nunes, conhecida na cidade como morada de negros e alvo de constantes batidas coercitivas. Outra característica observada na programação é que, após a ladainha, haverá modinhas cantadas pelos jovens Manoel Jambreiro e Alvorino Vargas, além do Candomblé.

Como os jornais também funcionavam como agentes moralizadores e as práticas religiosas da população negra eram comumente vistas como incivilizadas e perigosas, era comum a perseguição e a repressão às pessoas que professavam essas religiões. Por esse motivo, é possível que o anúncio não tenha sido escrito por um morador da Rua Maria Nunes; Gracindo poderia ter sido apenas o pseudônimo de um jornalista do periódico que tivesse exagerado na dose de humor colocado no anúncio ou estivesse estigmatizando as manifestações religiosas da população negra santoantoniense. Não obstante, independente de o anúncio ter sido verídico ou não, através dele podemos verificar algumas características das festas dedicadas a Cosme e Damião.

Notamos ainda, que havia nas festas dedicadas aos Santos gêmeos, a possibilidade de uma intensa imbricação de outras religiões com o Candomblé, demonstrando que os indivíduos ali presentes experimentam diferentes formas pertencimento a religião - ou religiões -, assim, ao ser candomblecista não significava rejeitar alguns preceitos do catolicismo, ou de outra religião, e vice e versa, e sim, a possibilidade de imbricar dois saberes religiosos, através de uma relação de complementaridade, sem uma relação de dualidade ou oposição.

É válido ressaltar, que essas possibilidades de imbricamento existiam, entretanto, muitas vezes os rituais católicos foram utilizados como formas de resistência, ou seja, a população negra sabia como eram vistas as suas práticas e muitas vezes se apropriavam destes rituais para poderem manter viva, mesmo que reconfigurada as suas manifestações religiosas.

Outra comemoração de rito religioso que atraía muita gente eram os batizados, ocasiões especiais em que compadres, comadres, familiares, vizinhos e amigos se reuniam para celebrar o acontecimento com muita comida e bebida.

Segundo Venância:

Quando nós éramos convidados para um batizado, nós íamos para ficar na casa da pessoa que convidou. A festa começava num dia e terminava no outro. Todo mundo dançava e se divertia até de manhãzinha. O dono da casa dava café e até almoço. As festas daquele tempo não eram como as festa de hoje. (Venância Maria dos Santos, 95 anos, moradora de Santo Antônio de Jesus – Bahia)

No depoimento, podemos observar que Dona Venância expõe a memória do passado com a influência do presente, “[...] as festa daquele tempo não era como as festa de hoje”, ou seja, ela rememora o seu passado a partir do presente. Rememorar não é o mesmo que viver novamente o passado, mas sim a releitura do sujeito que o produz numa sociedade que se diferencia daquela a qual se refere à lembrança. Em virtude dessa relação entre presente e passado, tem-se a possibilidade de circulação dos significados, devido aos fatos lembrados, pois estes podem alterar-se de acordo com o momento em que estão sendo revisitados na memória.

As festividades religiosas não se limitavam aos santos aqui citados, mas a muitos outros, como as homenagens ao Mês de Maria, Senhor do Bonfim, São José e São Roque entre outros. Entretanto, com análise dos jornais, processos crimes e dos depoimentos orais, percebemos até o momento, que no período estudado as celebrações religiosas, estavam presentes no cotidiano dos moradores de Santo Antônio de Jesus, que mesmo com manutenção de privilégios, hierarquias e diferenças sociais as pessoas não deixaram de participar, seja para reverenciar seu santo protetor, para impor a presença, para cair na fuzarca, ou até mesmo, viver todos estes momentos em sua plenitude.

NO REINO DA FOLIA: CARNAVAIS E MICARETAS

Passaram-se alegres os dias do carnaval em Santo Antônio de Jesus. [...] Nesse último dia de Carnaval jogou-se prodigamente a serpentina, aparecendo extensa e continua chuva de confetis e uso farto de lança perfume. [...] No dia seguinte, o sr. Vigário da freguesia, a hora da missa aplicava na testa dos devotos a cruz do arrependimento. (O Carnaval. O Palládio. 21 de Fev. de 1937. AP)

Os jornais que aqui circulavam anunciavam o Carnaval muitos dias antes de acontecer, divulgavam a programação, as filarmônicas que iam abrilhantar a festa e claro não deixavam de apresentar a forma de como a sociedade gostaria que o Carnaval acontecesse. O Carnaval e a Micareta eram festas muito esperadas pelos santoantonienses.

Na memória dos nossos depoentes, não eram só as festas religiosas que agitavam e alegravam o cotidiano. As folias de Momo – com seus cordões, pranchas, batucadas e Zé-pereiras – ocupavam um lugar de destaque nas festividades que ocorriam. Convém ressaltar que em Santo Antônio de Jesus, durante o período em estudo, eram comemorados tanto o Carnaval como a Micareta. Tais festas eram comemoradas em datas diferentes, contudo, possuíam particularidades; o Carnaval seguia ao calendário litúrgico e a Micareta acontecia depois da Páscoa, mas em datas imprecisas.

O carnaval. Passaram-se alegres os dois dias do carnaval de Santo Antonio de Jesus. Domingo logo pela madrugada, Zé Pereira exibiu a nota estridente echoando as suas trombetas e rimbombando por cima o zabumba infernal. De tarde, a mocidade forte achou-se a postos, vendo-se a gente fantasiada tanto a pé como a cavallo. Nos autos percorriam as ruas grupos de senhorinhas e rapazes, alegres como a própria alegria, alguns cingindo a mascara, leve, de gaze, outros trazendo a propria mascara que a Natureza lhes deu. (O Carnaval. O Palládio. 04 de Mar. de 1927. AP).

O Micarêta. Os folguedos de 12 e 14 do corrente, estiveram bem animados. O número de cordões é que foi bastante reduzido este ano. Tivemos apenas dois cordões e a batucada. O mais - grupos dispersos pelas ruas, cada qual mais ruidoso e saltitante. Tanto no Domingo quanto como na terça-feira saíram as formações carnavalescas enchendo de prazer a alma do povo. (A Micarêta. O Paladio. Abril de 1942. AP.).

Deste modo, podemos observar que os momentos reservados à folia carnavalesca eram apreciados pelos santoantonienses. Independente de ser Carnaval ou Micareta, as duas datas são comemoradas regadas de muito riso e diversão. As mencionadas festas atraíam grande público, que agitava e coloria as ruas e salões com diferentes fantasias e significados.

Nos momentos da folia, estavam presentes boa parte da sociedade santoantoniense, tanto os que se diziam representantes da elite quanto os populares ocupavam o espaço festivo. Destarte, no espaço da Micareta, conviviam diferentes manifestações festivas, conduzidas tanto pelos membros das camadas mais abastadas como pelos populares. Entretanto, persistiam as distinções raciais, sociais e culturais.

Os cordões – acompanhados pelos carros de crítica e de realce e pelas pranchas alegóricas, enfeitadas com “[...] artigos da mais fina elegância vindos diretamente das lojas mais exuberantes da capital [...] – eram levados nas ruas pelas senhorinhas da elite” (A festa em Santo Antônio. O Palládio. 08 de Abril de 1936. AP), e disputavam espaço com “[...] máscaras farroupilhas com fantasias desasseadas [...] que, apesar de toda a repressão, não deixavam de participar da festa” (A festa em Santo Antônio. O Palládio. 08 de Abril de 1936. AP).

O Zé Pereira com o seu bando anunciador da festa e as batucadas são exemplos de grupos que participavam da micareta nos quais prevaleciam membros das camadas populares. Todavia, alguns membros dos setores mais abastados se viam encantados com esses grupos e não deixavam de participar dos mesmos.

Do mesmo modo que ocorriam nas festas religiosas, nos espaços dedicados a folia de momo também havia uma inter-relação entre os grupos participantes, que se formavam e se consolidavam justamente a partir das diferenças culturais, “[...] Festejar a micareta – e o carnaval – significou coisas diferentes para os inúmeros participantes, nos diversos momentos vivenciados pela festa santoantoniense”. (RANGEL, 2010: 16.)

Era um o processo que envolvia escolhas e, por sua vez, não ocorria livre de conflitos, pelo contrário, os sujeitos traziam diferentes situações e experiências que iam se unindo como retalhos de variadas cores e texturas, um conjunto que, aparentemente unido, mantinha suas especificidades e ambiguidades.

Nos momentos de festejos de Momo, as elites locais, com seus cordões, disputavam espaço com outros grupos menos abastados que, insistentemente, também ocupavam o espaço da festa. Porém, é importante destacar que o discurso civilizador também se preocupou com os festejos de momo em Santo Antônio de Jesus. As elites locais, encantada com os ideais de progresso e modernidade, estipularam como preferencial, nesse momento, os cordões “[...] bem organizados e bem vestidos” e, assim, se afastaram do carnaval e se dedicaram especialmente à Micareta.

O periódico o Paládio mais uma vez se torna porta-voz dos anseios da elite, publica diversas matérias que enobrecem as manifestações da elite e condena as manifestações das camadas populares:

Infelizmente no último dia consagrado ao Rei Momo, máscaras farroupilhas arrastaram pelas ruas fantasias desasseiadas e sons destoantes da nossa elegante e amada terra [...] Desde o romper da madrugada as ruas estiveram dominadas pelas máscaras, fazendo esgares, saracoteando em um estruído sem controle. (Uma grande micareta. O Paládio. 20 de Março de 1940. AP).

Mas as ruas não estiveram entregues às trevas. A fina flor da nossa sociedade deu uma nota galante e civilizadora, demonstrando para a massa desordenada uma festa digna dos ares modernos que dominam nossa terra. (Uma grande micareta. O Paládio. 20 de Março de 1940. AP.)

Esses trechos demonstram que os jornalistas construíram uma imagem da Micareta que atendia aos interesses das elites locais, contudo, corroboraram com a nossa reflexão de que diversos grupos estavam presentes e atuavam nos espaços da Micareta e do Carnaval. Para além dos anseios de modernização, nas ruas da cidade, entre os cordões e pranchas das elites, estavam as batucadas, os Zé-pereiras, os blocos e bandos populares que também organizavam seus desfiles e brinquedos.

Esses grupos se mantinham resistentes também durante as Micaretas, embora os setores elitistas não apoiassem a presença dos “máscaras farroupilhas”, tiveram que dividir a cena com os mesmos que, ano após ano, obstinadamente, tomavam as ruas da cidade.

Nesse contexto, muitos bailes começaram a ser realizados em clubes, onde as fronteiras sociais eram muito bem demarcadas, a exemplo do Clube O Palmeirópolis, que era frequentado pela alta elite da cidade e de outras localidades. “A Sociedade Palmeirópolis fará também nos seus salões e nas mesmas datas, festas dançantes em que tomara parte a elite, achando-se já distribuídos muitos convites para as duas noites de franca alegria”. (A Micarêta em Ebulição, O Paládio, 10 de Abril de 1942. AP)

Os referidos bailes realizados nos salões fechados eram abrilhantados por filarmônicas e bailes de máscaras, nos quais chovia confete e serpentina. As fantasias eram peça essencial no festejo, não faltando o brilho de lantejoulas e paetês. Os temas das fantasias quase sempre eram Pierrôs, Colombinas, Arlequins e Piratas, pois outras fantasias não eram bem aceitas.

A Radio-Palmeirópolis convida os seus associados e exm.^{as} famílias para dois grandes bailes da Micarêta, nos dias 12 e 14 do corrente, á partir das 21 horas.[...] Traje: De preferência fantasia. Aviso: não serão permitidas as fantasias de malandro, macacão e outras á criterio da Diretoria. (Soc. Rádio Palmeirópolis. O Paládio. Abril de 1942. AP).

Observamos também no convite para o baile, que mesmo se tratando de uma festa dedicada às elites santoantonienses, trazia instruções de como se fantasiar nesses dias. Havia

tentativas de coibir algumas fantasias, talvez estas, lembrasse as camadas populares ou eram muito usadas pelos mesmos. Ao mesmo tempo os organizadores do baile pretendiam fantasias consideradas mais refinadas, copiadas do velho mundo, como as fantasias de pierrô, arlequim e colombina, cheias de brilho, que se identificavam com o belo, novo e civilizado.

O Palmeirópolis era um dos espaços dedicados à folia das elites santoantonienses. Mas a música da festa dependia das filarmônicas, Carlos Gomes e Amantes da Lyra, que eram formadas principalmente por representantes das camadas populares. Estas filarmônicas que alegravam as festas carnavalescas em Santo Antônio de Jesus também animava a festa em cidades da região, “A despeito dos rigores da crise reinante, os festejos do carnaval deste ano parece que vão ser animados [...] De Santo Antônio de Jesus, escrevem-nos que, vem a Amantes da Lyra” (O Carnaval. Correio de Jequié. 10 de Fev. 1939. AP), assim, percebemos interações das manifestações culturais e informações entre as cidades. Estas orquestras santoantonienses animavam na cidade e na região carnavais e micaretas, tanto nas ruas quanto em bailes fechados.

É importante destacar que as camadas populares também se divertiam nos bailes realizados em ambientes fechados como os que ocorriam na Sociedade dos Artistas e nas sedes das filarmônicas. No entanto, a maioria dos membros destas camadas preferiam os festejos e brincadeiras que ocorriam no universo das ruas onde uma complexa rede de amigos, parentes e amantes formava o lado sedutor da rua, numa atmosfera calorosa, colorida, com seus rituais irreverentes, suas máscaras, luzes e música.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer desta pesquisa, dentre as várias atividades públicas e privadas destinadas as festas e festejos que ocorreram na cidade, citamos apenas algumas. Saltaram a nossa frente buliçosos momentos dedicados à descontração e ao riso fácil, entretanto, escolhemos apenas alguns para historiar, sendo que ainda ficaram relegados aos processos crimes empoeirados e aos periódicos que aqui circulavam; a festa do Dendê, a Tourada, o Circo, as festas dedicadas ao Mês de Maria, as Festas do Senhor do Bonfim, Dois de Julho, O Passeio de Recreio, entre tantas outras.

Observamos que estes momentos de lazer e descontração proporcionavam o encontro entre a população negra e pobre e os demais grupos sociais, nos quais era possível tecer laços de sociabilidade e solidariedade que viabilizavam auxílios e acordos, algo essencial para abrandar as asperezas da vida cotidiana. Os diversos casos analisados nos apontam, também que os negros e pobres da cidade não se curvaram as imposições da elite, mantiveram suas práticas culturais e suas formas de interação com a sociedade.

Enfim, observamos até o momento que nas festas, folguedos e celebrações que analisamos percebemos que as festas de rua foram palco de trocas culturais, influências recíprocas, resistência e luta. Nas ruas, praças e botecos todos se encontravam, compartilhando desses locais públicos, surgindo a oportunidade do convívio favorecido pelo entrelaçamento cultural, seja nos blocos, nos cordões, nas barraquinhas das igrejas, nas ladainhas, nas procissões ou no cantarolar dos sambas pelas ruas. Nesse processo repleto de incertezas e adaptações – que mexiam profundamente com os espaços, costumes e práticas de solidariedade – as diferenças existiam e tensões ocorreram constantemente, descortinando formas peculiares de resistência e luta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **Santos, deuses e heróis nas ruas da Bahia**: identidade cultural na primeira república. Revista Afro – Ásia, Salvador, n. 18. CEAO – UFBA. 1996.

AMARAL, Rita. Festa à Brasileira - Sentidos do festejar no país. Ed. e-books Brasil, 2001.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da folia**: Uma história social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FRESSATO, Soleni Biscouto. **Cultura popular: reflexões sobre um conceito complexo**. In: O sagrado é profano na Bahia. Imagens e representações da cultura popular. Oficina Cinema-História Núcleo de Produção e Pesquisas da Relação Imagem-História. 2009. www.oficinacinemahistoria.org. Acesso em 24/02/2013.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MIRANDA, Carmélia Aparecida. **Devoção e Diversão na Festa de São Benedito em Tijuacu-Ba.** In: Capítulos de história da Bahia – Novos enfoques, novas abordagens. Maria das Graças de Andrade Leal / Raimundo Nonato Pereira Moreira / Wellington Castellucci Junior (Orgs.). São Paulo: ANABLUME, 2009.

RANGEL, Maitê dos Santos. **Entre Cordões e Batucadas:** festas de Momo, urbanização e ideias de modernidade em Santo Antônio de Jesus (1930-1950)./ Programa de Pós-graduação em História Regional e Local, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB - 2010.

SANTOS, Hamilton Rodrigues dos. **Vidas nas fronteiras:** práticas sociais e experiências de feirantes no Recôncavo Sul da Bahia: Santo Antônio de Jesus 1948-1971. Dissertação de Mestrado. Santo Antônio de Jesus, 2007.

SERRA, Ordep. **O Sagrado e o Profano na “Festa de Largo”** da Bahia. In: Rumores de festa: O Sagrado e o Profano na Bahia. Salvador: EDUFBA,1999.

THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum:** Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.